



ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

Avante!

MAIS UNIDOS,
MAIS FIRMES, MAIS CONFIANTES!
AVANTE, PARA NOVAS BATALHAS!

TODO o desenrolar dos acontecimentos no período eleitoral constitui uma indiscutível comprovação da justiça da apreciação política e da orientação do Partido Comunista Português. Os fascistas fizeram um tremendo esforço para isolar o Partido e impedir a agitação pelas forças democráticas da nossa orientação.

No próprio movimento democrático, se manifestaram vacilações e incompreensões. Contra o Partido, levantaram-se em câmbio as forças dos oportunistas, seus agentes no campo democrático. Não conseguiram o seu objectivo. E não o conseguiram porque temiam o apoio das massas e porque temiam a maior pressão (que a imprensa não perdeu), e temiam a pressão das nossas adversidades e das nossas palavras de ordem.

Tinha razão o P. Comunista, ao salientar (contra as afirmações daqueles que acreditaram que o governo fascista respeitaria as próprias leis e que assim o derrubamento da ditadura fascista se realizaria através das eleições presidenciais) que os fascistas, dispostos a fazer as armas e as mãos do aparelho do Estado, desferiam desesperadamente a sua perseguição ao poder, empurrando toda a espécie de burras e falsificações, e a par da intimidação, da violência.

Tinha razão o P. Comunista, ao prever (contra os que afirmavam que se aproximava a ida incondicional a "negociações", que, com o reconhecimento fascista, com as possibilidades, ameaças e restrições às liberdades, com a inexistência de uma efectiva fiscalização, as eleições seriam uma burla e os fascistas tinham fabricado de antemão o resultado).

Tinha razão o P. Comunista, ao afirmar (contra os que defendiam uma posição conciliatória com os oportunistas) que os oportunistas eram verdadeiros agentes do inimigo, que a sua posição anti-comunista e de compromisso com o salazarismo era favorável à ditadura fascista, que essa posição visava a divisão das forças democráticas, o enfraquecimento da candidatura da oposição, a constituição dum pseudo-oposição comandada superiormente pelo governo de Salazar.

Mais que os argumentos teóricos, os factos convenceram todos os democratas honrados de que o PCP tinha razão. E isto explica a acção de orientação do PCP pelo quase totalitário das Comissões Eleitorais e pelas massas e a decisão final da Oposição de não concorrer às urnas.

A forma escandalosa como decorreu o acto eleitoral, o resultado anunciado pelo governo, as prisões logo após as eleições de destacados dirigentes do movimento democrático, terão certamente convencido da justiça da abstenção eleitoral aqueles que até à última hora tiveram ilusões na seriedade das eleições e na disposição do governo em acatar o vo-

to popular. Evidenciou-se que nem os compromissos, nem a acção de códi das indicações governamentais, nem o recelo das massas e do movimento popular, são o caminho para a conquista das liberdades e das eleições livres. Evidenciou-se a leviandade, o palmar do leviano e a falta de noção das realidades e das responsabilidades dos pregadores dum fácil triunfo.

Evidenciou-se que o movimento democrático não pode dispensar a força da classe operária e do P. Comunista, que sem a participação da classe operária e do P. Comunista, não há movimento democrático possível.

Haverá ainda quem diga que o movimento democrático poderia ganhar a legalidade, reprimindo os comunistas. Isto é o que os fascistas dizem e o que os oportunistas repetem. Só poderão talassem, porém, aqueles que, procurando tacho e galões, desajam a democracia em Portugal, não as liberdades para o povo e a liberdade para eles próprios constituírem uma oposição legal e inofensiva, desligada das massas populares para oferecer qualquer perigo para o regime fascista.

A constituição dum tal "oposição" continua sendo um objectivo dos fascistas e só poderia servir os interesses dos fascistas. Assim ha que combater dum forma implacável aqueles que, dizendo-se democratas, defendem tal orientação. O oportunismo sofre um rude golpe. Os seus elementos mais destacados (os Cunha Leal, Manuel Serras, Joaquim Ribeiro, Eugénio Azeite, Prestes Salazar e outros) ficaram totalmente desmoralizados e batidos.

O oportunismo continua, porém, sendo o maior perigo ao movimento democrático. Aqui afirmamos que não he oremos tróguas, não faz calar a voz do inimigo fascista ao seio do movimento de unidade.

Para os democratas portugueses, são tarefas imediatas fortalecer a sua unidade, manter e consolidar as Comissões Eleitorais, ligar toda a acção à acção das massas populares, insistir corajosamente na luta legal pelas liberdades democráticas.

Toda a acção das forças democráticas só deve desenvolver no sentido da organização e movimentação popular, do fortalecimento da consciência política e da combatividade das massas. Uma ideia fundamental deve orientar todos os democratas: só a força do povo, só a luta das massas populares, pode desalojar os fascistas do poder.

Os que o não compreendem e persistem em querer realizar a divisão dos democratas e vergonha, os compromissos com o governo caíram, mais dia menos dia, no atoleiro fascista onde caíram os renegados do género de Cunha Leal. Unidos mais que nunca, firmes nas nossas convicções, intransigentes perante os fascis-

ros, confiantes na força do nosso povo e das forças democráticas internacionais, — avante, para novas vitórias contra o regime fascista de Salazar.



Corticeiros de Portugal!

LUTEMOS UNIDOS CONTRA A CRISE,
PELO CUMPRIMENTO DO DESPACHO DE 1946
E POR MELHORES CONDIÇÕES DE VIDA!

EM 1946, a valente classe corticeira conquistou, pela luta, um despacho com algumas regalias entre as quais aumento de salários garantido dos 3 dias de trabalho semanal e o estabelecimento dos quadros de pessoal para que os operários e operárias não pudessem ser despedidos.

Em nenhum centro corticeiro do país o contrato é cumprido. O patronato, com a protecção do governo, procura tornar a letra morta. Muitas fábricas são fechadas e os operários despedidos, outras abrem 1 ou 2 dias por semana e outras mantêm-se há mais de um ano em regime de 3 dias. Mais de dois terços dos 10.000 operários e operárias corticeiros são assim afectados para a miséria em todo o país. Isto sucede em Vila da Feira, Oeiras, Moura, Estremoz, Azaruja, Évora, Vendas Novas, Mourão, Alhos Vedros, Barcelo, Grândola, Sintra, Ermidas, Santiago, Silves, Faro, etc. A classe corticeira está sofrendo as maiores privações.

O governo fascista de Salazar não toma qualquer medida para resolver a situação. Põe termo às regalias que eram dadas pelas Câmaras Regionais de Previdência. Alega que não tem verba, apesar dos descomos para assistência. Mas há verba para propaganda demagógica e obras sumptuosas, há dinheiro para que o O'Neill, director do jornal nazí A NAÇÃO e funcionário superior da Caixa dos Corticeiros, possa roubar mil mais de 3.000 contos para a batota e plúbeia no Estádio e há 500 mil contos das Câmaras de Previdência para o bairro de Alvalade, que o salazarismo apresenta como obra sua.

O salazarismo e o grande patronato alegam que o desemprego se deve à crise da indústria e que por isso o despacho não pode ser cumprido, fazendo assim recair todo o peso da crise sobre a classe trabalhadora.

Os grandes industriais-fascistas. Eis aqui uma posseção da empresa do sr. Pinto Júnior no jornal do Comércio em 12 de Novembro de 1948 que vem confirmar as nossas afirmações: — «Os principais consumidores (de cortiça) do mundo são do ponto de vista financeiro e fabril verdadeiros colossos... Três ou quatro pêm-se de acordo para provocar a baixa? Eis que os seus agentes em Portugal (ou na Argélia, ou na Espanha, conforme os casos) suspendem as compras e se inicia mais uma baixa catastrófica. Esta é a principal razão da crise corticeira. Os grandes negociantes e industriais corticeiros ingleses e americanos subjogam a indústria nacional por intermédio dos seus agentes (Mundet e muitos outros), comprando só o que hes apetece... quando lhes apetece e ao preço que lhes apetece, arruinando os pequenos e médios industriais e fazendo-lhes exigências semelhantes» — pág. 2

Pela incúria do Governo

234 MORTOS EM CABO VERDE!

COM a administração salazarista, em Cabo Verde morreu de fome milhares de pessoas. O governo nada faz para resolver esta situação horrível e vergonhosa para a nação portuguesa. Mandou distribuir umas «opas» e é tudo. Os jornais de 22 de Fevereiro, anunciaram a tragédia. 350 pessoas juntavam-se para receber a «opa». Mostrando todo o seu desprezo pela vida dos pobres, os fascistas tinham fulto construir, sem qualquer cuidado de segurança, um grande estande apoiado num velho muro. Sob esse estande era servida a «opa». O resultado: 234 mortos e cerca de 100 feridos dos quais 50 hospitalizados. Muitos dos feridos sofreram amputações de braços e pernas. Como sempre depois das grandes catástrofes de que é responsável (como depois dos naufrágios por falta de portos de abrigo e de segurança) o salazarismo não dá o devido tratamento aos afectados e não envia «condolências» ou faz

aprovar pela Assembleia Nacional «votos de pesar». O governo faz assim como o assassino que, para desviar suspeitas, vai chorar no funeral do assassinado. Esta hipocrisia, é um insulto aos mortos. A fim de escapar as responsabilidades, o ministério das Colónias apresentou-se, na sua nota de 24, a atribuir a catástrofe a um «vandalismo», que só na sua linguagem existiu, embora acrescentando, para responder à indignação geral, que «está a correr um inquérito». Conhecemos os inquéritos fascistas e sabemos já o resultado: as

No Museu de Lénine

No Museu de Lénine, em Moscovo, entre os jornais de todo o mundo, figura o «Avante!», com a 2.ª página sobre o assassinato de Lénine do genial e amado dirigente do proletariado internacional.

Libertação dos Presos!

Além de alguns membros da Comissão Central dos Serviços da Candidatura e de outros destacados democratas — têm-se efectuado por todo o país centenas de prisões. Já durante o «período eleitoral» elas se efectuaram às centenas. Agora, recrudescem o terrorismo. PORTUGUESES E PORTUGUESES! Erguei o vosso protesto! Exigir a libertação dos democratas presos!

